

A VERTIGEM DA VITÓRIA

23, I, 59

Se os homens, principalmente os homens do poder, aproveitassem lições, que tremendas lições a todos estaria dando Cuba! A primeira delas é a precariedade do despotismo. Sendo um governo contra a natureza do homem, não pode perdurar, por mais que se afortaleze. Todas as bastilhas acabam caindo, ainda que mais sejam do que uma velha prisão. Caiu Fulgêncio Batista, como têm caído todos os tiranos.

A segunda lição é a tremenda vindita a que se sujeitam os servidores da tirania. Há-de revoltar todas as consciências cristãs a matança que, mediante um processo sumário, estão fazendo os vencedores entre os vencidos. Fala-se em justiça, a plebe nas ruas a reclama em altos brados. Justiça haverá, mas, muito mais do que justiça, o que se está fazendo é vindita. É contestável que a boa justiça reclame a morte. Havendo tantos meios eficazes de castigo. Execuções sumárias podem explicar-se, e até justificar-se, no fragor da luta. Mas, depois de plenamente alcançada a vitória, só têm um nome: crueldade, embriaguez de sangue. E, ainda que a pena capital se impusesse em certos casos, somente depois de amainadas as paixões, e não durante a sua efervescência, poderia ela caber com justiça.

De toda forma é uma lição para os tiranos e para os que sem consciência os servem. Eles também podem vir a ser vítimas dos próprios crimes e duramente expliá-los. Aproveitará a lição de Cuba aos que, no Continente, exercem o despotismo? Não é de crer. O despotismo cega e ensurdece. E, enquanto não chega o castigo, julgam-se criaturas acima do bem e do mal.

Há, entretanto, um outro aspeto, pelo qual é condenável o que está ocorrendo em Cuba. O desejável seria que a vitória revolucionária, proscrevendo do poder os violentos e os corruptos, reduzida minoria no seio da nação, eriasse um ambiente de paz e tolerância, capaz de solicitar a colaboração de todos os bons elementos, quaisquer que fôssem as suas tendências políticas. Que é democracia, senão franca e geral convivência? Ora, a criação de tal ambiente, que as belas declarações de Fidel Castro, logo após a vitória, faziam prever, es-

tá sendo seriamente prejudicada com os lamentáveis excessos dos vencedores. Estabeleceu-se com eles o regime de retaliações.

Fulgêncio Batista, que já fôra deposto uma vez, voltou ao poder. É muito pouco provável que êle consiga realizar a façanha pela segunda vez. Nenhum outro destino pode êle esperar, senão gozar no Estrangeiro as riquezas de que expeliu o País. Mas nada exclui que, em consequência dos excessos agora cometidos e das enormes dificuldades que há de apresentar ao novo governo um país depredado, outros elementos possam tomar o poder. O que não farão êstes, diante de tais precedentes? Ter-se-á estabelecido no país a luta de facções, que, ensina a história, destruirá a nascente democracia e acarretará a ruína do país.

Isto perceberiam os vencedores, se em vez de caudilhos, quanto se queira admiráveis pelo denodo do seu combate, fôsem êles verdadeiros estadistas. Nada mais sentem êles, senão a vertigem da vitória. E, nos vórtices da sua vertigem arrastarão o país ao precipício.

Muito para considerar e meditar, nestas tristes repúblicas da América Latina, é o exemplo de Cuba. Nenhum real progresso político se fará, enquanto o caudilhismo não fôr banido, em todas as suas formas.